

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O diálogo inter-religioso e o lugar da IASD [Interreligious dialogue and the place of SDA]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Tavares de Aguiar, Adenilton
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-07 10:18:08
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228833



O diálogo inter-religioso e o lugar da IASD

The Inter-religious dialogue and the placement of the Seventh-Day Adventist Church

Adenilton Tavares de Aguiar¹

Resumo / Abstract



pluralismo religioso toma por pressuposto que todas as religiões são verdadeiras e igualmente válidas, exigindo que cada tradição abandone o proselitismo em prol de um bem comum maior. Os adventistas, por outro lado, não compactuam com essa sugestão ecumênica por possuir uma mensagem específica destinada “a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). Participar dos critérios exigidos no diálogo inter-religioso é abrir mão da razão da sua existência e dar vazão à contrafação satânica que ameaça a igreja nos últimos dias (Ap 13-16). A dura mensagem, porém, não possui teor de intransigência ou estreiteza, mas um convite à consideração sincera das verdades bíblicas.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso; Ecumenismo; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Apocalipse 13 e 16



The religious pluralism suggests that all religions are equally true and valid. This belief demands each tradition to abandon its proselytism in favor of a higher common well being. The Adventist message, in its hand, does not side with this ecumenical idea due to its specific message, destined “to

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Unicap (Universidade Católica do Pernambuco). Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações (Unicap); Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional Iaene (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

every nation, tribe, language and people” (Rev 14:6). In this way, participating of this criteria demanded by the inter-religious dialogue means to give up its reasons of existence, and also to value the satanic counterfeit that threatens the church of the last days (Rev 13-16). Its hard message, however, is not intransigent or strict; it actually contains an invitation to sincere considerations on the biblical truths.

Keywords: Inter-religious dialogue; Ecumenism; Seventh-Day Adventist Church; Revelation 13 and 16



Onde está Deus, suplicava ele [o louco]. Eu lhes direi. Nós o matamos — você e eu. Todos nós somos seus assassinos. Porém, como fizemos isso? Como fomos capazes de beber o mar? [...] Deus está morto. Deus permanece morto. E nós o matamos. Como podemos nós, os assassinos de todos os assassinos, nos consolarmos? (NIETZSHE, 2001, p. 125).

14

Pode se dizer que o pós-modernismo foi inaugurado com o decreto da morte de Deus. Argutamente, Nietzsche disseca o pensamento filosófico e o racionalismo exacerbado de sua época, cujos pensadores arrancaram Deus de seu trono ao prescindir da teologia para acatar a razão como único meio de explicar a ordem das coisas. James Sire (2009, p. 264) faz uma leitura desse cenário, e afirma que

o horizonte que definia os limites de nosso mundo foi apagado. O centro que nos mantinha no lugar desapareceu. Nossa era, que mais e mais está sendo chamada de pós-moderna, encontra-se à deriva em um mar de perspectivas pluralistas, de possibilidades filosóficas em excesso, porém, sem qualquer noção dominante que indique para onde ir ou como chegar lá. Um futuro de anarquia cultural se avizinha como inevitável.

A geração seguinte a Nietzsche assistiu a um crescimento vertiginoso da tecnologia, através da qual, informações são trocadas em frações de segundo. O ser humano foi capaz de chegar à Lua; falar com alguém do outro lado do planeta em tempo real; conquistar os mistérios do átomo e

da energia nuclear; o mundo ficou menor e a informação está em todo os locais. No entanto, a vida ainda parece absurda para milhares de pessoas. Perguntas como “quem sou eu?”, “de onde vim?” e “para onde vou?” continuam aguardando respostas. De fato, a sociedade pós-moderna testemunha um retorno ao religioso que bem parece a tentativa de resolver os problemas provocados pela morte de Deus. Tal condição levou Berger (1985) a defender a ideia segundo a qual secularismo e pluralismo religioso são fenômenos intimamente aparentados. Para Berger, o secularismo se apresenta como um dos resultados da queda do monopólio religioso², que, por sua vez, abriu precedentes para ideias pluralistas relacionadas à religião.

O fato é que a Revolução Industrial e a Era Digital não conseguiram preencher o vazio existente no coração humano. Marcuse (*apud* BERMAN, 1986, p. 28) comenta que “o povo se autorealiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas”. Mas as pessoas continuam sentindo sede de Deus, a qual perpassa os meandros dos esquemas humanos, e a fonte para mitigá-la parece estar aquém da sua experiência, como se fosse uma espécie de “elo perdido”, trancado a sete chaves, em algum lugar distante deste vasto universo; um grito de socorro como que explode por todos os rincões do ser, essencialmente humano, essencialmente frágil, essencialmente incompleto, um grito por Deus, conforme se pode apreender na fala de Lispector (1997, p. 170):

A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos o seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos. A Via-Láctea não existe para que saibamos da existência dela, mas nós sabemos. E nós sabemos Deus. E o que precisamos dele extraímos [...]. Se nós sabemos muito pouco de Deus, é porque precisamos pouco: só temos de Deus o que cabe em nós. [...] sentimos falta de nossa grandeza impossível — minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido.

As vulnerabilidades do ser humano pode remetê-lo a Deus, mas ao mesmo tempo são uma oportunidade para os mais diversos tipos de enganar. Falando da realidade social do tempo do fim (antes da volta de Jesus à Terra), o

² Quando Berger fala de monopólio religioso, está se referindo ao catolicismo romano, que predominou no palco religioso durante a Idade Média.

livro de Apocalipse apresenta um cenário mundial que se prepara para receber a atuação de uma falsa trindade: o dragão, a besta que subiu do mar e a besta que subiu da terra (Ap 13). Sendo essa terceira entidade identificada como o falso profeta em Apocalipse 16; um poder político e religioso que influencia as nações a adotar um sistema de adoração equivocado.

Com essas duas realidades em mente (tanto a social quanto a apocalíptica), este artigo se debruça em pensar qual o papel e o lugar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) deveria estar preocupada em ocupar. A natureza do tema e a extensão deste trabalho são um prenúncio de que o assunto foi tratado sem se preocupar com detalhes: pretendeu-se, apenas, oferecer aqui uma visão geral.

O espírito da época: pressupostos de um diálogo inter-religioso

Um dos personagens de Guimarães Rosa (2006, p. 16), no romance *Grande sertão: veredas*, deixa claro seu modo de ver a pluralidade de religiões bem como a maneira como se expõe a elas ao afirmar: “Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio [...]. Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue [...]. Tudo me quieta, me suspen-
16 de. Qualquer sombrinha me refresca”. Tal pensamento reflete uma forte tendência contemporânea, segundo a qual todas as manifestações religiosas buscam o mesmo fim — o numinoso, o ser supremo.

De fato, conforme afirma o livro *The unique Christ in our pluralistic world*, vivemos em um mundo plural: diferentes culturas, diferentes línguas, pontos de vista, vieses, códigos morais, sistemas científicos e religiões (RO, 2000, v. 05). Não obstante, o pluralismo religioso é mais do que o mero reconhecimento de que há uma variedade exorbitante de crenças religiosas: ele parte da descrição da diversidade existente para a afirmação de que todas as tradições são igualmente válidas e verdadeiras.

É à luz desse pressuposto, que Claude Geffré (2004, p. 131)³ chega a afirmar a necessidade de reinterpretar “algumas verdades fundamentais do cristianismo”. Para Geffré, o pluralismo religioso é uma exigência devido ao processo de “mundialização” que aproxima as culturas e, nelas, as religiões.

³ Claude Geffré é teólogo católico dominicano. Foi, por muitos anos, professor de teologia no Saulchoir e depois no Instituto Católico de Paris. Atuou como diretor da Escola Bíblica de Jerusalém. Tem se destacado, atualmente, por seus trabalhos sobre o pluralismo religioso.

Ele chama a atenção para um fenômeno contemporâneo: o retorno do religioso e a vitalidade das grandes religiões não cristãs.

Esse autor propõe que um dos desafios enfrentados pelo pluralismo religioso diz respeito às diferenças que cada tradição religiosa possui. Assim, ele chega a afirmar que se por um lado uma teoria hermenêutica deve ser contrária ao fundamentalismo bíblico-teológico, por outro, tem que reconhecer as verdades da teologia das religiões, sustentando, finalmente, o pluralismo religioso como um novo paradigma teológico. A grande questão, portanto, diz respeito a como o cristianismo pode manter sua singularidade diante deste pluralismo: “como não cair num certo relativismo, como conciliar as exigências do diálogo e as exigências da fidelidade à unicidade do cristianismo entre as religiões do mundo?” (GEFFRÉ, 2004, p. 132).

Destarte, Kramer (2009) argumenta que Geffré propõe uma teologia inter-religiosa, que reinterprete os principais dogmas do cristianismo, segundo a qual

não se deve ver Jesus como o fundador de uma religião, mas como um caminho para se chegar a Deus. É possível falar em um “cristocentrismo” e haver uma abertura para a discussão entre outras religiões. Se o Cristianismo pode dialogar com outras religiões é porque ele entende suas próprias limitações. [...] Quem sabe o pluralismo não seja um desejo secreto de Deus? Nós somos acostumados a uma lógica de verdadeiro e falso. Não conseguimos ver a possibilidade de haver uma verdade e outra e outra.

17

O Concílio Vaticano II⁴ representou a primeira vez em que “na ordem dos atos solenes do magistério a Igreja católica emite um julgamento positivo sobre as religiões não cristãs. Diálogo tornou-se uma palavra-chave da reflexão teológica e da prática da igreja.” (GEFFRÉ, 2004, p. 132). Dentre os textos do Vaticano II, o *Nostra Aetate* se afigura como aquele que diz respeito à atitude da igreja em relação às outras tradições religiosas. Embora denote um grande avanço, ele traz poucos elementos no plano dos fundamentos teológicos do diálogo inter-religioso. Em outro texto, o *Lumen Gentium*⁵, afirma-se que

⁴ Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal *Humanae salutis*, pelo Papa João XXIII. Esse mesmo Papa inaugurou-o no dia 11 de Outubro de 1962. Realizado em 4 sessões, o concílio só terminou no dia 8 de Dezembro de 1965, já sob o pontificado de Paulo VI.

⁵ É um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto dessa Constituição

as divergências religiosas [...] podem ser a manifestação das evoluções, das quedas do espírito humano tentado pelo espírito do mal na história. Mas ao mesmo tempo podem ser também a expressão do gênio e das riquezas espirituais dispensadas por Deus aos povos.

Desse modo, Geffré (2004, p. 143) argumenta que o “pluralismo religioso pode, pois, ser considerado como um destino histórico permitido por Deus cujo significado último nos escapa”, e sustenta que “devemos reinterpretar o conjunto dos textos da Escritura, assim como o testemunho da tradição cristã, a partir da nossa experiência histórica de um pluralismo religioso aparentemente insuperável”. E acrescenta que o diálogo inter-religioso deve ser “uma iniciativa propriamente cristã na medida em que esta vontade de diálogo não se encontra necessariamente nos chefes ou representantes das outras tradições religiosas”.

Para que tal diálogo seja possível, Geffré (2004, p. 144-148) aponta três condições a serem atendidas: 1) o respeito do outro em sua identidade própria; 2) a fidelidade no que diz respeito à sua própria identidade; 3) necessidade de certa igualdade entre os parceiros para que haja diálogo. Daí a aversão ao proselitismo, que, segundo o autor, “consiste em querer a todo custo forçar o outro a esposar a minha convicção sem respeitar a sua própria vocação” (GEFFRÉ, 2004, p. 176).

Respeitadas essas condições, esse autor acredita que a era da globalização requer um diálogo que ultrapasse as fronteiras das confissões cristãs e que não se contente em circunscrever-se às três religiões monoteístas. É o que ele chama de ecumenismo ecumênico. Para que isso seja possível, faz-se necessário um critério de unidade. No caso das confissões cristãs, o critério comum é Cristo como Filho de Deus. Ele defende, porém, que um ponto em comum a todas as religiões é o critério do humano autêntico, segundo o qual todas as religiões buscam a felicidade do ser humano.

Após o Concílio Vaticano II, observam-se três tendências teológicas quanto ao debate sobre as religiões: o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo. O exclusivismo apregoa o cristianismo como única religião

dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a natureza e a constituição da Igreja, não só enquanto instituição, mas também enquanto corpo místico de Cristo. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas.

verdadeira, e Jesus Cristo como único mediador da salvação. Não obstante, o pós-concílio também foi palco de uma linha de pensamento segundo a qual se via possibilidade de salvação nas outras religiões ou, ainda, num ambiente externo a qualquer religião, porém sem deixar de considerar que toda salvação faz referência a Jesus Cristo. Tal ideologia é chamada de inclusivismo, e entra no cenário teológico sob a crítica da pretensa superioridade do cristianismo sobre as demais religiões, considerada inadmissível para a probabilidade de diálogo. Por sua vez, o pluralismo enxerga cada religião como um dos possíveis caminhos para Deus. Nesse sentido, as religiões não se excluem umas as outras; ao contrário, elas são complementares entre si.

A seguinte declaração de João Paulo II: “cada oração autêntica é suscitada pelo Espírito Santo que está misteriosamente presente no coração de cada pessoa humana” é comentada por Geffré (2004, p. 157) em termos de “uma palavra de grande importância para o diálogo inter-religioso em geral”. Ele acrescenta que oração autêntica

engloba sem dúvida toda oração, mesmo aquela que não é diretamente um diálogo com um Deus pessoal. É o caso, por exemplo, da meditação que se pratica no budismo ou no hinduísmo (GEFFRÉ, 2004, p. 157).

19

Ideias mais liberais são defendidas pelo teólogo protestante John Hick⁶. Em uma de suas obras, esse autor aponta em que contexto histórico surge o pluralismo religioso. Baseado no pensamento de críticos como John ApCzynski e Colin Gunton, ele defende que o pluralismo religioso é um “filho do Iluminismo europeu dos séculos XVII e XVIII, com seu racionalismo universalista” (HICK, 2005, p. 58). E acrescenta que o pós-guerra oferece o palco para o pluralismo religioso contemporâneo, com a queda da hegemonia colonial europeia e a consequente visão de “um só mundo”, de uma “aldeia global”. Hick (2005, p. 59) explica essa ligação entre o pluralismo religioso e a ideia contemporânea de “um só mundo”, afirmando que

o desenvolvimento atual do pluralismo religioso tornou-se possível por meio desta nova consciência global, e também, é claro,

⁶ O inglês John Hick, teólogo e filósofo da religião, é considerado um dos teólogos com vasta reflexão sobre a linha do pluralismo religioso. Ele é oriundo da tradição presbiteriana da Inglaterra, hoje ligada à Igreja Reformada.

pela explosão de informações prontamente disponíveis a respeito das religiões mundiais. O conhecimento moderno sobre o caráter integral da história humana e os entrelaçamentos da história religiosa criaram um ambiente intelectual acolhedor para o pluralismo religioso.

Obviamente essa nova consciência global somente tornou-se possível a partir da “mundialização” da informação por meio dos veículos de comunicação em massa: sobretudo a televisão e a internet.

Embora este trabalho rejeite a ideia de um pluralismo religioso pré-moderno nos moldes em que John Hick os apresenta, não se pode deixar de reconhecer alguns pressupostos pluralistas encontrados nessas tradições religiosas, os quais lançam as bases para o diálogo inter-religioso atual. Tal rejeição diz respeito ao fato de que no mundo pré-moderno não havia a troca de informação como há hoje, o que permitia que apenas uma pequena ou mesmo nenhuma influência se fizesse sentir entre as tradições religiosas, à exceção dos processos antropofágicos embalados pelo contexto de conquista bélica. Os pressupostos de um pluralismo encontrados nessas religiões podem ser apreendidos a partir das afirmações de alguns dos seus líderes. Para Mahatma Ghandi (*apud* HICK, 2005, p. 61),

nenhuma fé é perfeita. Todas as religiões são igualmente caras a seus devotos. O que se requer, portanto, é um contato vivo e amigável entre os seguidores das grandes religiões do mundo, e não um conflito entre eles, obra da tentativa infrutífera, da parte de cada comunidade, de mostrar a superioridade da sua fé em detrimento do resto das religiões.

Segundo Hick (2005, p. 60-63), para os Vedas, o “Real é Um, mas os sábios o nomeiam diversamente”; no Bhagavad Gita, Krishna declara: “qualquer que seja o modo no qual os homens se aproximem de mim, é nesse modo que os aceito”; o ensinamento jainista da *anekantavada* fala da “verdade que tem muitas faces”; o guru Kabir, do século XV, ensinou que o “Deus sem forma adota mil formas aos olhos de suas criaturas”; os sufis do Islã, séculos XIII e XIV, afirmavam que “a luz divina é refratada por muitas lentes humanas”; o sufi Ibn al-Arabi dizia que é permitido a cada crente a sua crença e que Deus pode ser

reconhecido em cada uma de suas formas e em toda e cada crença; outro sufi, Jalal ud-Din Rumi, afirmava que “tudo é louvor, e tudo está certo”; fazendo um comentário sobre as religiões de seu tempo, Rumi acrescenta que “as lâmpadas são diferentes, mas a Luz é a mesma”. Considerando esses dados, Hick (2005, p. 64) conclui:

O que é verdade, porém, é que muitos de nós, no Ocidente atual, e não somente no Ocidente, estamos tentando desenvolver esta percepção e descoberta ancestrais sob o ímpeto da nossa consciência global distintivamente moderna, munidos das ferramentas dos estudos epistemológicos e religiosos de nosso tempo.

De fato, por cerca de um século, o pensamento oriental vem fluindo para o ocidente. O conhecimento oriental passa a ser de fácil obtenção: mais e mais, sua visão de realidade torna-se uma opção de vida no Ocidente (SIRE, 2009).

Do ponto de vista político, o processo de “americanização” do mundo parece igualar os estilos de vida a uma espécie de “panqueca cultural”, como bem enfatizou Hick (2005, p. 71). Por trás desse processo de “americanização” subjaz o poder explorador das corporações multinacionais e das agências internacionais impondo a ideologia de uma economia mundial única dominada pelo capitalismo internacional. Tal ideologia e a ideia de que as diferentes religiões mundiais são respostas a uma mesma realidade divina têm em comum a consciência global contemporânea, segundo a qual as diferentes tradições religiosas são “reconhecidas, respeitadas e afirmadas como contextos autênticos de salvação/libertação, cada qual com seu respectivo caráter único e com suas particularidades históricas”, não havendo a necessidade de uma nova religião global. Desse modo, negam-se algumas das doutrinas essenciais de cada uma delas, a exemplo da afirmação cristã de que Jesus foi Deus encarnado, a fim de reinterpretá-las. Assim, a verdade defendida por determinada tradição é vista meramente como uma espécie de absolutismo, a qual deve dar espaço a “uma interpretação genuinamente pluralista da situação religiosa global” (HICK, 2005, p. 71).

Destarte, Hick (2005, p. 75) aponta a necessidade de uma mudança, em resposta a esta nova percepção das outras religiões mundiais. Ele propõe que “nossos conceitos religiosos (tais como divindade, trindade, absoluto vazio) variam de cultura para cultura”, relegando-os a um aspecto puramente cultural, e que, por conseguinte, crenças metafísicas tais como aquelas

sobre a origem do universo, sobre o destino humano e sobre seres sobrenaturais são somente opiniões e “que não é necessário para a salvação que nossas opiniões atuais se confirmem verdadeiras”.

Falando a respeito dos dogmas cristãos tradicionais, Hick defende que a encarnação divina é uma ideia metafórica. Ele afirma que “considerando Jesus como um grande profeta e doutrinador espiritual, o cristianismo está preparado para um genuíno diálogo com outras crenças, em benefício da paz mundial” (HICK, 2007). Ele acrescenta que

Jesus não pensou sobre si mesmo como Deus encarnado, ou como a Segunda Pessoa da divina Trindade, mas como alguém chamado por Deus para profetizar o próximo Fim. Mas, pelo final do primeiro século (como vemos no Evangelho de João), a Igreja, amplamente construída por São Paulo, chegou a divinizá-lo. [...] O seu lugar entre as hipóteses pluralistas é uma de um grande número de grandes figuras espirituais que se encontram na origem de novos movimentos religiosos — o Buda, Zoroastro, Mahavira, Moisés, Jesus, Maomé, Nanak. (HICK, 2007).

22

Faustino Teixeira (s. d.), comentando a posição de Hick em relação aos “dogmas” do cristianismo e sua resposta às críticas teológicas à posição pluralista, afirma que

as críticas mais importantes concentram-se nas implicações da hipótese pluralista para as doutrinas consideradas centrais no cristianismo, *como a encarnação e a Trindade*. Para Hick, levar a sério o pluralismo religioso significa rever radicalmente a estrutura tradicional da teologia cristã. Em sua visão, a doutrina da encarnação, assim como tradicionalmente entendida, produziu na história sérios efeitos colaterais, entre os quais o antissemitismo cristão, a exploração colonialista ocidental, a subordinação social das mulheres e um arrogante complexo de superioridade do cristianismo diante das outras religiões.

A fim de lançar mais luz sobre essa questão, Teixeira [s. d.] usa o pensamento de Berger, dizendo que

ao abordar a questão do pluralismo religioso, em obra clássica da sociologia da religião, Peter Berger mostrou como a

situação pluralista engendrou não apenas a “era do ecumenismo”, mas também a “era das redescobertas das heranças confessionais”. Diante da condição de incerteza provocada pelo pluralismo, bem como do temor de relativização a ele relacionado, tende-se em alguns casos a concentrar-se nas diferenças confessionais, como forma de garantia de manutenção da identidade ameaçada.

De fato, durante muito tempo o catolicismo romano manteve o monopólio religioso. Com a chegada do Iluminismo e do pensamento racionalista, tal monopólio se rompe. Com isso, abre-se espaço para “novos poderes religiosos” os quais concorrem com um catolicismo menos forte do que aquele observado na Idade Média. A secularização provoca uma perda de poder religioso, ao mesmo tempo em que a liberdade de pensamento que lhe é peculiar permite novas formas de crenças e, paradoxalmente, um retorno ao religioso, porém numa configuração pluralista, de modo que, conforme diria Berger (1985), seja possível afirmar que secularização e pluralismo são fenômenos intimamente aparentados, o que faz do pluralismo religioso um caminho sem volta.

23

Apocalipse 13 e 16 na hermenêutica adventista: uma tríplice união religiosa

Whidden, Moon e Reeve (2006, p. 90) afirmam que a ideia de uma contrafação e paródia da Trindade é algo que está se tornando bastante claro entre os eruditos adventistas⁷. Eles argumentam que se este ponto de vista estiver correto “faz realmente sentido que o livro de Apocalipse contenha, como um de seus temas-chave, fortes indicações da profunda unidade do verdadeiro ‘Trio celestial’, da plena divindade de Cristo e da personalidade do Espírito Santo”. Esta parte do trabalho, portanto, fará uma apresentação dessa contrafação à pessoa e obra de Cristo, bem como da contrafação à pessoa e obra do Espírito Santo, traçando assim uma relação com as ideias pluralistas.

⁷ Quanto a isso ver os seguintes autores: ver Maxwell (2008, p. 460); Johnsson (1992, p. 21); Stefanovic (2002, p. 370); Larondelle (1992, v. 7, p. 173).

Apocalipse 13 faz parte de uma perícopé (junto com o capítulo 12) no qual João apresenta uma contrafação à Trindade: o dragão, a besta que sobe do mar e a besta que sobe da terra. Johnsson (1992, v. 7, p. 21) chama a atenção para o caráter surpreendente dos elementos dessa paródia às três pessoas da Divindade, particularmente para os paralelos entre “a besta que sobe do mar” e o “Cordeiro”. Stefanovic (2002, p. 370, tradução livre) destaca que esse paralelismo evidencia

a intenção do autor inspirado de mostrar que na confederação satânica a besta que sobe do mar funciona como uma antítese de Jesus Cristo, imitando sua vida e ministério na Terra. A besta que sobe do mar age na total autoridade e poder do dragão, assim como Jesus atua na autoridade do Pai.

Os paralelos podem ser melhor visualizados a partir do quadro abaixo, baseado na obra de Stefanovic (2002, p. 370):

24

A besta que subiu do mar	Jesus Cristo
Vem da água para começar sua atividade (Ap 13:1)	Vem da água para começar seu ministério (Lc 3:21-23)
Assemelha-se ao dragão (Ap 12:3; 13:1)	“Quem me vê a mim, vê o Pai” (Jo 14:9)
Tem dez diademas (Ap 13:1)	Tem muitos diademas (Ap 19:12)
Tem dez chifres sobre suas cabeças (Ap 13:1)	O cordeiro com sete chifres (Ap 5:6)
O dragão lhe dá o poder, o trono e a autoridade (Ap 13:2,4)	O Pai lhe dá o poder, o trono e a autoridade (Mt 28:18; Ap 2:27; caps 4-5)
Foi-lhe dado o período de 42 meses para exercer autoridade (Ap 13:5)	Teve um ministério de três anos e meio (conforme indica o evangelho de João)
Foi golpeada de morte (Ap 13:3)	Foi morto (Ap 5:6)
A chaga foi curada. Ela “reviveu” (Ap 13:3)	Ressuscitou (Ap 1:18)
Recebeu adoração depois que a sua ferida mortal foi curada (Ap 13:3-4,8)	Recebeu adoração depois de sua ressurreição (Mt 28:17)
Foi-lhe dada autoridade universal depois da cura de sua ferida mortal (Ap 13:7)	“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28:18), após sua ressurreição.

Johnsson (1992, v. 7, p. 24) defende que a descrição que encontramos da “besta que subiu do mar” (Ap 13) deve levar-nos a pensar num poder político-religioso que entra em cena entre o tempo de João e a segunda vinda de Cristo.⁸

Ele acrescenta que a chave para Apocalipse 13 encontra-se em Daniel 7; esse texto aponta a sucessão dos reinos mundiais e foca sobre o poder do chifre pequeno; por sua vez, Apocalipse 13 abre com uma descrição que entrelaça a visão com a profecia de Daniel.

Stefanovic (2002) compartilha do pensamento de Johnsson no tocante ao *background* para Apocalipse 13, ao afirmar que nos versos 1 a 4 introduzem o primeiro aliado de Satanás na crise final ao dar sua descrição geral em termos da visão de Daniel (Dn 7). Dessa forma, a menção do mar como a fonte da qual vem o animal monstruoso de Apocalipse 13:1 é uma clara alusão a Daniel 7:2-3. Ele afirma que isso se torna evidente a partir do fato de que o animal composto incorpora as características dos quatro animais da visão de Daniel (Dn 7:3-7).

Por sua vez, Maxwell (2006, p. 333) afirma que o comportamento da besta semelhante ao leopardo (Ap 13:2) foi o mesmo do chifre pequeno. Johnsson (1992, v. 7, p. 25) conclui que “os adventistas do sétimo dia têm apontado o surgimento e obra do papado como o cumprimento dessas duas visões”. Tal visão, logicamente, destoa da teologia pluralista tão comum em nossos dias. Johnsson (1992, p. 26) acrescenta que “num momento em que o cristianismo em geral enfrenta os ataques violentos do secularismo e quando entre os cristãos o ecumenismo tornou-se popular, tal interpretação cheira a estreiteza e intolerância”.

Uma das descrições da besta que subiu do mar, encontrada em Apocalipse 13:4 (“quem é semelhante à besta?”) lembra o significado do nome Miguel: “Quem é semelhante a Deus?” (FREEDAMAN, 1992, v. 4, p. 811), o qual aparece na Bíblia apenas cinco vezes, e sempre em contexto de batalha. O nome representa ao mesmo tempo uma pergunta e um desafio ao dragão (NICHOL, 1978), tendo em vista sua pretensão orgulhosa de ser semelhante ao Altíssimo (Is 14:14). O quadro a seguir torna mais claro o contexto de luta que envolve Miguel e o dragão.

⁸ Não constitui interesse nem objetivo deste trabalho apresentar comentários pormenorizados à descrição da “besta que subiu do mar”, no sentido de justificar a interpretação adventista. Antes, o propósito deste artigo é apresentar a visão adventista sobre que poder político-religioso é indicado por Apocalipse 13 e quais são as implicações dessa visão para se analisar qual é o lugar da IASD no debate inter-religioso.

Daniel 10:13	Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.
Daniel 10:21	Mas eu te declararei o que está registrado na escritura da verdade; e ninguém há que me anime contra aqueles, senão Miguel, vosso príncipe.
Daniel 12:1	E naquele tempo <u>se levantará Miguel</u> , o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo
Judas 1:9	Mas o <u>arcanjo Miguel</u> , quando <u>contendia com o diabo</u> , e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: o Senhor te repreenda.
Apocalipse 12:7	E <u>houve batalha no céu</u> ; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos
ⁱ A utilização do pronome grego original no plural deixa claro que Miguel representa não a Daniel, individualmente, mas a todo o povo de Israel.	

No capítulo 12 de Apocalipse, João apresenta Miguel e os seus anjos em conflito aberto contra o dragão e os seus anjos. No capítulo 13, é apresentada uma pergunta insolente dos adoradores do dragão de Apocalipse 12 “quem pode pelejar contra ela [a besta que subiu do mar]?”. A resposta óbvia a essa pergunta parece ser esta: “Miguel, aquele que é semelhante a Deus!”.

Apocalipse 13:3 nos oferece a informação de que após a cura da chaga mortal, “toda a Terra se maravilhou, seguindo a besta”. Há duas considerações a fazer em relação ao texto grego. Primeiro é importante chamar a atenção para a estrutura linguística dos versos 3 e 4:

- ✧ Apocalipse 13:3a: E (grego = *kai*) vi uma das suas cabeças como ferida de morte;
- ✧ Apocalipse 13:3b: E (*kai*) a sua chaga mortal foi curada;
- ✧ Apocalipse 13:3c: E (*kai*) toda a terra se maravilhou após (*opisō*) a besta;
- ✧ Apocalipse 13:4a: E (*kai*) adoraram o dragão que deu à besta a sua autoridade;
- ✧ Apocalipse 13:4b: E (*kai*) adoraram a besta, dizendo: “quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?”.

Temos, portanto, um período composto por cinco orações coordenadas, indissociáveis. Tal fato permite concluir que o verso quatro é tão somente a continuação do pensamento iniciado no verso três. O segundo ponto a observar diz respeito à preposição *opisō*, traduzida, em Apocalipse 13:3, como *após*. Essa é a mesma preposição que aparece em Mateus 4:19, na expressão: “vinde após mim”, a qual poderia ser traduzida como: “vem, segue-me”⁹. A versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) traduz Apocalipse 13:3c, da seguinte forma: “Toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”. Apocalipse 13:4a, por sua vez, aponta o resultado do evento anterior: “e adoraram o dragão”. Com isso, o autor bíblico está indicando que a besta que subiu do mar assume um papel mediador, conduzindo toda a Terra a adorar o dragão, o que torna mais clara a contrafação da obra de Cristo no santuário celestial, como mediador entre Deus e os seres humanos.

Maxwell (2006, p. 335) estabelece um paralelo entre o chifre pequeno de Daniel 7 e 8 e a besta semelhante a leopardo de Apocalipse 13, que se torna elucidativo a esta altura:

O chifre pequeno (Dn 7 e 8)	A besta semelhante a leopardo (Ap 13)
Fala grandes palavras contra Deus.	Profere blasfêmias contra Deus.
Pretende mudar os tempos e a lei. Pisa sobre o santuário e o exército.	Blasfema o nome de Deus, do lugar de sua habitação, e daqueles que moram no Céu.
Guerreia contra os santos por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.	Faz guerra aos santos por quarenta e dois meses.

27

Desse modo, observa-se claramente que o poder do chifre pequeno, descrito em Apocalipse 13 como a besta que subiu do mar ou a besta semelhante a leopardo está em oposição clara em relação não somente à pessoa de Cristo mas também à sua obra mediadora.

Assim como a besta que subiu do mar é uma contrafação à pessoa e obra de Cristo, a besta que subiu da terra é uma contrafação à pessoa e obra do Espírito Santo (ver STEFANOVIC, 2002; JOHNSON, 1992), conforme se pode observar na tabela abaixo:

⁹ A fim de conferir o uso dessa preposição nesse sentido, conferir Mateus 10:38; 16:24; Marcos 1:17,20; Lucas 9:23; 14:27 e João 1:15, para mencionar apenas alguns textos.

A besta que subiu da terra	O Espírito Santo
Chamada de o “Falso Profeta” que engana as pessoas (Ap 16:13; 19:20; 20:10)	Chamado de o “Espírito da Verdade” que guia o povo à salvação (Jo 16:13; Ap 22:17)
Semelhante a um cordeiro (Ap 13:11)	Semelhante a Cristo (Jo 14:26; 16:14)
Exerce toda a autoridade da besta que subiu do mar (Ap 13:12a)	Exerce toda a autoridade de Cristo (Jo 16:13-14)
Dirige a adoração à besta do mar (Ap 13:12b,15)	Dirige a adoração a Cristo (At 5:29-32)
Realiza grandes sinais (Ap 13:13; 19:20)	Realiza grandes sinais (At 4:30-31)
Faz fogo descer do céu (Ap 13:13)	Vem em fogo no Pentecoste (At 2)
Dá vida/fôlego à imagem da besta (Ap 13:15)	Dá vida/fôlego de vida (Rm 8:11)
Aplica a marca na mão ou na testa (Ap 13:16)	Aplica o selo na testa (2 Co 1:22; Ef 1:13; 4:30)

Conforme bem destacou Johnsson (1992), historicamente o adventismo entendeu que as circunstâncias que envolveram o surgimento dos Estados Unidos fazem com que essa nação preencha a descrição que Apocalipse 13 oferece em relação à besta que subiu da terra. Stefanovic (2002, p. 423) chega a dizer que “nenhuma entidade religiosa ou política na história moderna corresponde a esta descrição como os Estados Unidos da América”. Esse autor concorda com a observação de William Johnsson (1992, p. 29) e afirma que:

Reconheçamos francamente que o conhecimento de que a compreensão total do cumprimento desta profecia da besta que subiu do mar ainda nos aguarda. [...] traços significativos dos enganos da segunda besta não estão claros ainda — especialmente os milagres que levam muitos a serem desviados, bem como a “imagem” da besta que subiu do mar. Ademais, a visão indica um estágio de ação que envolve o mundo inteiro. [...] Como a massa inteira da humanidade será arrastada para o vórtice de engano não está muito claro no presente (STEFANOVIC, 2002, p. 424).

O fato é que tanto Johnsson quanto Stefanovic reconhecem que tal dificuldade não invalida a interpretação tradicional de que os Estados Unidos preenchem as exigências da descrição profética no que diz respeito à segunda besta. Tal ponto de vista afigura-se como um consenso entre os estudiosos adventistas contemporâneos (ver MAXWELL, 2008, p. 350-358).

Em Apocalipse 16:13, o poder político-religioso representado pela besta que subiu da terra é identificado como o “falso profeta” (STEFANOVIC, 2002, p. 424). Mais uma vez, o autor bíblico coloca em cena a paródia ao Trio celestial, a qual foi introduzida em Apocalipse 13. O objetivo da falsa trindade no tempo do fim pode ser apreendido a partir da declaração de Ellen G. White (1980, v. 3, p. 351): “João, no Apocalipse, escreve sobre a união dos que vivem na Terra para invalidar a lei de Deus.” A relação entre Deus e sua lei é comentada por ela da seguinte forma: “Rejeitando a verdade, os homens rejeitam o seu Autor. Desprezando a lei de Deus, negam a autoridade do Legislador” (WHITE, 2003, p. 583).

LaRondelle (1992, p. 173) valendo-se de Daniel 3, em que um decreto à adoração é imposto sob pena de morte, esclarece que a questão central do conflito final é a adoração, o que acaba por lançar luz sobre a natureza do teste do povo de Deus em Apocalipse 13. A implicação é que, se por um lado, a rejeição da lei de Deus, mais especificamente do dia que Ele escolheu para adoração, configura negar sua autoridade, por outro, aceitar outro dia de adoração é incorrer em falsa adoração. Mawell (1992, p. 111) comenta que pelo menos “um bilhão de pessoas se consideram cristãs. Elas aceitam o princípio de um dia especial na semana” embalados pela influência romana, confirmada pela nação americana (MAWELL, 1992, p. 67-120). Dessa forma, levando em consideração sua compreensão dos eventos e circunstâncias mundiais que envolvem os capítulos 13 e 16 de Apocalipse, resta discutir qual é o papel e o lugar da IASD em relação ao debate inter-religioso.

29

○ lugar da IASD no debate inter-religioso

Uma série de artigos de Hélio Grellmann, publicados pela *Revista Adventista* em 1988, chamou a atenção para o fato de que o surgimento do marxismo, do espiritismo moderno e do evolucionismo coincide com o início do adventismo. Ele argumenta que enquanto o movimento adventista aparecia no cenário para resgatar verdades bíblicas esquecidas, tais sistemas de pensamento aponstavam um caminho independente de Deus (*apud* BORGES, 2005, p. 15-16).¹⁰

¹⁰ Michelson Borges (2005) acrescenta o fato de que a publicação de *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, em 1848, acontece apenas quatro anos após o desapontamento de 1844; a publicação de *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, em 1857, e *A origem das espécies*, de Darwin, em 1859, acontece, respectivamente, apenas seis e quatro anos antes da organização da IASD.

Conforme já mencionado anteriormente, para o teólogo John Hick, o pluralismo religioso é um “filho” do Iluminismo europeu dos séculos XVII e XVIII. Esse foi um período de grandes despertamentos religiosos e um aumento pelo interesse no estudo das profecias. Diversos estudiosos da época publicam suas pesquisas sobre escatologia bíblica: Joseph Mede (1586-1638) publica *Chave do Apocalipse*; Campegius Vitringa (1659-1722) publica *Uma exposição do Apocalipse do apóstolo João*; Johann Wilhelm Petersen publica, em 1692, *A verdade do glorioso reino de Jesus Cristo, o qual deve ser aguardado ao soar da sétima trombeta*; Johann Albrecht Bengel (1687-1752) publica *Sessenta discursos práticos sobre o Apocalipse*; Isaac Newton (1643-1727) publica *As profecias de Daniel e Apocalipse*; Manuel de Lacunza (1731-1801) publica *La venida del Mesías em gloria y majestad*, para mencionar apenas alguns.

Esse período também assiste ao despertar do movimento millerita, o qual culminaria com o grande desapontamento em 1844 e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ver TIMM, 1988). Desse modo, acrescenta-se ao marxismo, ao evolucionismo e ao espiritismo moderno, o Iluminismo europeu e o incipiente pluralismo religioso. Coincidentemente, essas linhas de pensamento entram no cenário mundial num momento em que o cenário religioso, no que se refere ao interesse pelas profecias bíblicas, oferece as condições para o nascimento da IASD.

Tendo em vista que um dos principais pressupostos do pluralismo religioso é a crença segundo a qual todas as tradições religiosas são igualmente válidas e verdadeiras e que todas configuram um caminho possível para Deus, para que haja um diálogo, de fato é necessário que se busquem critérios de unidade, em função do qual, para alguns pluralistas cristãos, a exemplo de Claude Geffré e John Hick, o cristianismo precisa não apenas tomar iniciativa em tal diálogo, mas também reinterpretar suas crenças. Nessa reinterpretação, a doutrina de Deus é diretamente afetada. Não apenas coloca-se em dúvida o valor da divindade de Cristo e do Espírito Santo, mas a crença em um Deus Trino entra em colapso. Uma recapitulação de algumas ideias desses dois autores deixará claro esse ponto:

- ✧ Todas as religiões são verdadeiras e igualmente válidas;
- ✧ Jesus é apenas um caminho para Deus;
- ✧ Se o cristianismo pode dialogar com outras religiões é porque ele entende suas próprias limitações;

- ✧ Talvez o pluralismo seja um desejo secreto de Deus;
- ✧ Conceitos religiosos como divindade e trindade variam de cultura para cultura;
- ✧ A encarnação divina é uma ideia metafórica;
- ✧ Se todas as religiões são válidas e verdadeiras, não há lugar para proselitismo.

Primeiramente, comente-se o fato de que a IASD compreende que possui uma mensagem para pregar a toda nação, tribo, língua e povo (Ap 14:6); que um convite é feito para que as pessoas abandonem o falso sistema de adoração (Ap 18:4) e se unam ao remanescente (Ap 12:17). Assim, para a IASD, proselitismo (no sentido missiológico-cognitivo) constitui uma questão ontológica, a razão de ser.

Dois crenças comentadas por Ellen G. White — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — atingem o centro de duas doutrinas defendidas pela IASD, ou seja, o juízo investigativo pré-advento e o sábado, as quais estão intimamente relacionadas com o ministério de Cristo no santuário celestial e a obra do Espírito Santo na Terra, culminando com o selamento do povo de Deus antes da segunda vinda de Cristo.

O cristianismo é a única religião que afirma ter na posição de mediador um ser que é plenamente Deus. Nas religiões indígenas, a mediação se dá pelos espíritos; nas religiões orientais, pelos ritos, sacrifícios e meditações, embora haja uma correspondência forte com o espiritismo através da ideia de reencarnação; nas religiões de matriz africana, pelos orixás. O cristianismo, porém, afirma que Jesus é o mediador entre Deus e os seres humanos. Não obstante, se por um lado o catolicismo romano junta ao ministério de Cristo a intercessão de Maria e dos santos (MAXWELL, 2006, p. 173-181), do outro, o protestantismo deixa de dar relevância para a profecia que apontava para o ministério de Cristo no lugar santíssimo do santuário celestial (Dn 8:14). Ellen G. White (1991, p. 254), falando a respeito do ministério de Jesus no santuário celestial, comenta que

o terceiro anjo encerra sua mensagem assim: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12). Ao dizer ele estas

palavras, aponta para o santuário celeste. *A mente de todos os que abraçam esta mensagem, é dirigida ao lugar santíssimo.* [...] pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficavam com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver qualquer luz na *mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo.* Vi que assim como os judeus crucificaram a Jesus, *as igrejas nominais* haviam crucificado essas mensagens, e por isso mesmo não têm conhecimento do caminho para o santíssimo, e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali (WHITE, 1991, p. 260-261, grifo nosso).

De fato, a Bíblia não apenas aponta para o ministério de Jesus no lugar santíssimo do santuário celestial como também alega a divindade plena de Cristo. O autor de Hebreus, por exemplo, abre seu livro apresentando provas a respeito da plena divindade de Jesus. Johnsson (1992, v. 7, p. 21) conclui que “porque Cristo é totalmente Deus (Hb 1:5-14) e totalmente homem (Hb 2:6-26), Ele pode tornar-se nosso sumo sacerdote”. A doutrina do santuário, portanto, coloca Cristo exatamente na posição em que Ele está: na posição de Deus, que intercede pela raça humana.

32

Anteriormente, observamos que o “falso profeta” de Apocalipse 16 e a besta que subiu da terra de Apocalipse 13 são designações diferentes do mesmo poder apresentado pelo apóstolo João como uma contrafação do Espírito Santo. Enquanto o Espírito Santo age no final dos tempos realizando uma obra de selamento dos crentes (2Co 1:22; Ef 1:13; 4:30), a besta aplica uma marca na mão. Para Maxwell (2006), essa marca “é intencional e inteligível, uma aprovação no tempo do fim da coercitiva observância do domingo em oposição à clara luz sobre a questão do sábado e em harmonia com o catolicismo clássico romano”.

Ellen G. White (1985, v. 2, p. 318-319) afirma que quando a nação americana “renunciar os princípios de seu governo de tal forma que vote uma lei dominical, nesse próprio ato o protestantismo dará a mão ao papado”. Percebe-se que o domingo está se tornando um ponto de interseção religiosa. A IASD, por sua vez, entra no cenário religioso mundial com a proclamação das três mensagens e o santuário, fatores que integram um grupo de verdades há muito negligenciadas: a perpetuidade da lei, o sábado, o ministério celestial de Cristo, a segunda vinda de Cristo, a imortalidade condicional da alma, o dom profético, o remanescente, o conflito cósmico (TIMM, 2009), sem esquecer o pensamento inspirado de que “Cristo

crucificado como a expiação pelo pecado é a grande verdade central do evangelho, em torno da qual todas as verdades giram. Dessa grande verdade todas as outras verdades são tributárias” (WHITE, 1983, p. 79).

Considerações finais

O pluralismo religioso pressupõe que todas as religiões são verdadeiras e igualmente válidas, fazendo-se necessário que cada tradição supere seus fundamentalismos em favor de um bem maior comum a todas as tradições. Como diria o teólogo espanhol José María Vigil¹¹, é preciso aprofundar a consciência de que as religiões precisam se unir e trabalhar juntas objetivando a paz mundial e melhores condições de vida no planeta (SBARDELOTTO, 2011).

À luz desse pressuposto, chega-se a afirmar a necessidade de que o cristianismo reinterprete algumas de suas crenças fundamentais, a exemplo da divindade de Cristo, a fim de que o diálogo entre as religiões se torne algo tangível. A consequência disso é uma relativização das verdades bíblicas e uma redução da Bíblia a um texto sagrado no mesmo nível dos textos sagrados de outras religiões, o que as mantém na posição em que estão sem que sintam a necessidade de receber luz adicional. Jesus Cristo deixa de ser o único mediador entre Deus e os seres humanos (1Tm 2:5) e o único caminho para o Pai (Jo 14:6).

A IASD não compactua com essa linha de pensamento. Ela acredita que possui uma mensagem para pregar a toda nação, tribo, língua e povo (Ap 14). Participar efetivamente do diálogo inter-religioso significa abrir mão da razão de sua existência. Isto, porém, não significa, em hipótese alguma, que os adventistas devem ilhar-se. Eles podem e devem estar abertos ao contato até o limite que lhes seja possível, ou seja, sem aderir aos pressupostos que tornam viável o debate atual entre as religiões.

Para finalizar, comente-se que em um mundo plural, a hermenêutica adventista pode, de fato, soar como estreiteza e intransigência, sobretudo no que se refere às entidades de quem as bestas de Apocalipse 13 são símbolos. A essa questão, William Johnsson (1992) responde convidando-nos a refletir sobre três fatores: 1) nós fazemos diferenciação entre indivíduos e sistemas;

¹¹ Responsável pela Comissão Teológica da ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo) na América Latina. Dentre seus livros, destaca-se *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*, publicado pela Paulus, em 2006. Além de teólogo, é psicólogo e educador.

2) se a interpretação parece “dura”, devemos lembrar-nos de que reformadores protestantes estavam persuadidos de sua validade; 3) precisamos de uma visão geral da história; uma visão que seja capaz de manter unido o movimento impetuoso dos eventos dos dias dos escritores bíblicos aos nossos dias; uma visão que não seja distorcida por nosso próprio tempo. ✍

Referências

BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, M. **Nos bastidores da mídia**: como os meios de comunicação afetam a mente. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1996, v. 04.

GEFFRÉ, C. **Crer e interpretar**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão**: veredas. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.

HICK, J. **Teologia cristã e pluralismo religioso**. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

_____. Deus, Jesus e o pluralismo religioso. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano 7, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/Jgb94J>>. Acesso em: 21/jun/2011.

JOHNSSON, W. G. The saint's end-time victory over the forces of evil. In: HOLBROOK, F. B. **Symposium on Revelation**: exegetical and general studies. Hagerstown, Maryland: Review and Herald Publishing Association, 1992. (Daniel and Revelation Committee Series, 7).

_____. Hebrews: an overview. In: HOLBROOK, F. B. **Symposium on Revelation**: exegetical and general studies. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1989. (Daniel and Revelation Committee Series, 4).

KRAMER, R. O pluralismo religioso na visão do francês Claude Geffré. **Assecom**, Recife, ano 8. Disponível em: <<http://bit.ly/KI8dzJ>>. Acesso em: 29/jun/2011.

LARONDELLE, H. K. Babylon: anti-christian empire. In: HOLBROOK, F. B. **Symposium on Revelation: exegetical and general studies**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1992, v. 07.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

NICHOL, F. D. (Ed.) **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald, 1978, v. 4.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RO, B. R. **The unique Christ in our pluralistic world**. Seoul: World Evangelical Fellowship Theological Commission, 2000.

SBARDELOTTO, M. Não haverá paz no mundo sem teologia do pluralismo religioso: entrevista especial com José María Vigil. **Eterno**, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/Kk6dyg>>. Acesso em: 07/jul/2011.

35

SIRE, J. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. São Paulo: Hagnos, 2009.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the book of Revelation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002.

TEIXEIRA, F. O desafio do pluralismo religioso para a teologia latino-americana. In: **Iser Assessoria: religião, cidadania e democracia** [s. d.]. Disponível em: <<http://bit.ly/Kk2eSs>>. Acesso em: 21/jun/2011.

TEMPESTA, O. John Hick e o pluralismo religioso: entrevista com Faustino Teixeira e Michael Amaladoss. **Inter-Religiões**, [s. d.]. Disponível em: <<http://bit.ly/KOVsx7>>. Acesso em: 21/jun/2011.

TIMM, A. **O santuário e as três mensagens angélicas**: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

_____. **História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. São Paulo: SALT - Seminário Latino Americano de Teologia, 1988.

WHIDDEN, W. *et al.* **A Trindade**: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, E. G. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1980, v. 3.

_____. **O Grande conflito**: acontecimentos que mudarão o seu futuro. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Olhando para o alto**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

_____. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

_____. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985, v. 2.

Enviado dia 08/12/2011

Aceito dia 20/04/2012

